

Jornada da comunicação latino-americana rumo à sua internacionalização

Journey of Latin American communication towards its internationalization

DELIA CROVI DRUETTA^a

Universidade Nacional Autónoma do México. Cidade do México – México

RESUMO

O objetivo deste artigo é revisar os desequilíbrios e desafios da internacionalização do campo dos estudos de comunicação na América Latina. Na região, a força dos programas universitários de estudos de comunicação geralmente leva à criação de associações acadêmicas nacionais, promotoras da internacionalização. No entanto, esse processo, longe de ser tranquilo e sem contradições, é condicionado pelas influências de organizações e tendências internacionais ou nacionais, pela disparidade entre as nações, bem como pela fragmentação e dispersão dos produtos de pesquisa.

Palavras-chave: Comunicação, pesquisa, fragmentação, dispersão

^a Mestre em Comunicação e Doutora em Estudos Latino-americanos, Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Ex-presidente da Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4806-2265>. E-mail: crovidelia@gmail.com

ABSTRACT

The purpose of this article is to review the imbalances and challenges that the internationalization of the field of communication studies in Latin America has presented. In the region, the strength of university communication study programs generally leads to the creation of national academic associations, promoters of internationalization. However, this process, far from being smooth and without contradictions, is conditioned by the influences of international or national organizations and trends, the disparity between nations, as well as the fragmentation and dispersion of research products.

Keywords: Communication, research, fragmentation, dispersion



ESTAS REFLEXÕES TÊM o objetivo de articular dois suportes institucionais fundamentais para a internacionalização do campo de estudos latino-americanos da comunicação: os programas de ensino de graduação e pós-graduação, e as associações acadêmicas nacionais e internacionais desse campo. Consideramos a educação superior a origem de um processo posterior, onde estão situados a pesquisa e a disseminação do conhecimento.

Um olhar retrospectivo permite afirmar que educação e pesquisa estão diretamente ligadas e que a força dos programas de estudos de comunicação geralmente leva à criação de associações acadêmicas nacionais. Essas associações serão elo e pilares da pesquisa para sua internacionalização, por meio de trabalhos conjuntos, publicações e encontros acadêmicos. No entanto, esse processo tem apresentado disparidades e desafios que dificultam uma melhor articulação de ações para fortalecer a presença internacional da pesquisa realizada na América Latina.

Não se trata de uma análise histórica, para a qual já existem vários trabalhos criteriosos e inspiradores (Beltrán, 1975, 2000, 2007; Fuentes-Navarro, 1991, 2014; León-Duarte, 2001; Marques de Melo, 1998, 2009, 2010; Vizer & Vidales, 2016, entre outros), mas de uma revisão de tendências políticas nacionais e internacionais que foram estopim para o rumo e transformação desse campo na região. Com uma leitura geral dessa jornada, são destacados alguns casos representativos.

É comum pensar na América Latina como uma identidade única e sólida, entretanto, como sugere Claudio Magris (2008), a identidade é reconfigurada na medida em que nos aproximamos das diversas realidades nacionais, regionais e locais. Nessa região observamos características compartilhadas, por exemplo, no início do século XIX vários processos de independência da França, Espanha e Portugal começaram; colonizações europeias e norte-americana marcaram o predomínio de duas influências importantes: a latina e a saxã; o espanhol é o idioma dominante, mesmo com variações na fala que lhe conferem cor e riqueza (Saussure, 2016); a região tem sido vítima de recorrentes crises econômicas e políticas; organizações e países hegemônicos traçaram alguns caminhos que estão alinhados aos seus interesses, mas não aos da América Latina. Neste cenário, são observadas particularidades e diferenças profundas no campo científico que geram ações de cooperação ou de competição. Tamanhos e sonhos diferentes que se unem e se repelem ao mesmo tempo (Caparrós, 2021).

Nas ações ligadas à comunicação são identificados reagrupamentos de identidades em sub-regiões, bairros territoriais, semelhanças culturais ou apenas a oportunidade de realizar trabalhos conjuntos. É por isso que a internacionalização do campo dos estudos da comunicação na América Latina é articulada

de acordo com as realidades locais, nacionais e regionais que recebem a influência de fatores históricos, econômicos, políticos e culturais tanto locais quanto transnacionais. E como resultado surgem três constantes que a caracterizam: disparidade entre as nações, fragmentação e dispersão dos produtos de pesquisa.

Nesse cenário, pensar no processo de internacionalização do campo de estudo da comunicação exige analisar a articulação dos programas de estudo e a atividade de pesquisa, bem como o papel das associações acadêmicas como suportes fundamentais para a disseminação e intercâmbio de conhecimento. Educação, pesquisa e disseminação do conhecimento são, portanto, atividades complementares e interligadas.

SOBRE OS PROGRAMAS INICIAIS

É necessário salientar que a disparidade entre os países latino-americanos começa nos sistemas e políticas nacionais de ciência, tecnologia e educação, que condicionam a formação e a pesquisa em comunicação, para que o intercâmbio de conhecimentos alcance diversas nuances. Tais diferenças geram desafios quando processos de criação e disseminação de conhecimento devem ser realizados em nível internacional, o que historicamente tem produzido presenças desiguais, destacando algumas trajetórias mais robustas do que outras. No entanto, as singularidades nacionais estão se tornando mais uniformes com a globalização, por meio de diretrizes internacionais com repercussões nacionais que criaram coincidências nos programas educativos, de bolsas de estudo, financiamento para pesquisas e avaliações, algo que não existe no início de um novo campo.

Ainda que não estejam totalmente identificados e nem exista um registro específico dos primeiros programas de formação em comunicação, é possível afirmar que a sua origem comum foi o estudo do jornalismo. Há referências, imprecisas, sobre alguns cursos ou programas sistemáticos de ensino do Jornalismo, que podem ser situados nas décadas de 1920 e 1930.

Impulsionados pelo interesse permanente em registrar as origens do campo em 2016, foi aproveitada a presença de pesquisadores e acadêmicos de vários países da região durante a realização do XIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIIC), no México, para organizar o debate “Tecendo nossa história”. Pesquisa da Comunicação na América Latina. Foi realizado nos dias que antecederam o congresso, com o apoio da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e o apoio total da ALAIIC. Foi um espaço de reflexão que permitiu recuperar parte da memória do início do campo, visto que participaram representantes de 11 países.

Nesse encontro constatamos que o ensino do jornalismo foi, sem dúvida alguma, o que marcou esses primórdios que depois se expandiu para a comunicação. As contribuições dos participantes foram reunidas na obra que leva o mesmo nome do debate (Crovi Druetta & Trejo Delarbre, 2018) e que oferece tanto informação derivada de experiências diretas de alguns dos autores quanto pesquisas em publicações locais, registros ou referências sobre as origens do campo. Na maioria dos países representados há registros de programas de formação, pesquisas e publicações com tom descritivo sobre a atividade jornalística. Essas obras, infelizmente, circularam de forma limitada e sem continuidade. Foram trabalhos que não buscaram se internacionalizar (mas também não havia como fazer isso), mas que tinham o objetivo de registrar.

A evolução do papel social do jornalismo, e o surgimento do que hoje reconhecemos como conglomerados midiáticos, levaram a um redimensionamento da comunicação. A partir desse novo lugar começará uma contínua fragmentação do seu estudo em seus diferentes níveis, bem como em temas e subtemas que se multiplicarão conforme a influência comunicativa se expande nas práticas sociais, acompanhadas de incessantes inovações tecnológicas.

Como se sabe, as origens dos estudos do campo da comunicação contaram com importantes contribuições de disciplinas afins (educação, sociologia, ciência política, economia, antropologia, semiologia, entre outras), que contribuíram com sua análise. Entretanto, algumas vezes confundiram o objeto central do estudo da comunicação, devido ao fato de que a perspectiva migrou para explicações mais alinhadas com outras disciplinas do que com o próprio jornalismo ou comunicação. Este olhar multidisciplinar inicial seria uma constante na evolução da pesquisa comunicativa, que nem sempre teve a sua importância reconhecida, embora essa situação tenha permitido que o campo se abrisse para olhares transdisciplinares.

Em resumo, é possível afirmar que, nas origens dos estudos da comunicação, houve vários programas de ensino do jornalismo. A prática profissional foi objeto de reflexões situadas sobre as características do seu exercício e os atores intervenientes foram as análises locais, descritivas e sem objetivo de internacionalização. Vale ressaltar que também foram detectadas as primeiras associações do ramo criadas por jornalistas, algumas das quais tiveram seus próprios programas de estudo cujo objetivo central foi a consolidação do grêmio e sua defesa.

A EXPANSÃO DO CAMPO

Como resposta ao reposicionamento social que o jornalismo está vivendo, ele desperta grande interesse e é colocado em um novo lugar social. No fim

da década de 1950 e na década de 1960 já é visível a expansão dos programas de formação na América Latina. Sempre considerando as disparidades existentes entre as nações, em algumas delas foram abertas carreiras de jornalismo que mais tarde se tornariam de informação, comunicação ou similares. A partir dessas mudanças surge uma primeira expansão dos estudos do jornalismo, caracterizada pelo interesse dos próprios informantes em ter uma boa formação.

De acordo com Raymond Nixon (1982)¹, os jornais *La Prensa* e *La Nación*, na Argentina, desde 1901 patrocinaram uma escola de jornalismo que poderia ser a primeira na região. Em 1936, na Colômbia, começam cursos de Jornalismo na Pontifícia Universidade Javeriana. No fim da década de 1930, na Universidade do Rio de Janeiro, no Brasil, foram oferecidos cursos de jornalismo promovidos pela Associação Brasileira de Imprensa, acordados pelos órgãos governamentais da época (Nixon, 1982). Também é necessário dizer que, na Argentina em 1934, a Associação de Jornalistas de La Plata cria a Escola Superior de Jornalismo da Universidade de La Plata, uma das mais antigas e persistentes da América Latina.

Na década seguinte surgem várias iniciativas de ensino: 1945 no Peru e Equador, 1947 na Venezuela, 1952 na Guatemala, 1953 no Chile, 1954 em El Salvador. Também na Cidade do México, uma experiência inicial se destaca: a Escola de Jornalismo Carlos Septién, fundada em 1950 e que até hoje se dedica a formar jornalistas. Por sua vez, a Universidade Nacional Autônoma do México começa a oferecer a carreira de Jornalismo em 1951, que mais tarde teria duas atualizações.

De acordo com José Marques de Melo (2009), importante promotor da internacionalização da pesquisa na comunicação, foi realizada uma reunião preliminar para o que seria a real expansão do ensino de jornalismo. No fim dos anos quarenta, a Organização das Nações Unidas (ONU), a partir das Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), começa a promover esses estudos com o objetivo de ajudar os países subdesenvolvidos no período pós-guerra. Declara interesse pelo jornalismo e organiza o Primeiro Encontro Internacional de Especialistas em Ensino do Jornalismo, realizado em Paris em 1953 (Unesco, 1958). No relatório desse encontro, é considerada tanto uma incipiente preocupação com a gestão técnica necessária para a profissão quanto a revalorização do lugar social dos meios de comunicação da época: imprensa, rádio, cinema e televisão que são considerados fundamentais para a formação da opinião pública e, além disso, é apresentada uma importante preocupação com a liberdade de expressão. Ambos os temas seriam de grande interesse nas reflexões da época e, ao longo

¹ Raymond Nixon foi um ator e um autor chave para o Centro Internacional de Estudos Superiores em Jornalismo para a América Latina (CIESPAL) (www.ciespal.org). Seu trabalho era focado na formação de jornalistas baseado no modelo norte-americano de comunicação de Aristóteles, mesmo que enfatize a intencionalidade do emissor e as condições de recepção.

dos anos, o campo da comunicação seria encarregado de renová-los de acordo com as novas abordagens.

A pluralidade de países e organizações representadas se destacam nessa reunião, o que, com certeza, contribuiu com uma visão ampla sobre o jornalismo a partir de experiências empíricas e análises sobre o desempenho profissional. Vale ressaltar que, nas suas recomendações finais, é enfatizada a necessidade de moldar jornalistas profissionais, mestres para o campo, bem como promover a pesquisa nacional e internacional e criar centros regionais. O primeiro seria estabelecido na Universidade de Estrasburgo, na França, em 1956.

Depois desse primeiro encontro e continuando com os seus objetivos, em 1958 durante a X Conferência Geral da Unesco, realizada em Paris, é moldado o que seria o verdadeiro estopim da primeira tendência expansiva no ensino do jornalismo na América Latina. Foi nessa época que foi aprovada a fundação do Centro Internacional de Estudos Superiores em Jornalismo para a América Latina, hoje chamado Centro Internacional de Estudos Superiores em Comunicação para a América Latina, que conhecemos como CIESPAL. Este centro começou a funcionar em outubro de 1959, em Quito, no Equador, após um acordo entre a própria Unesco, o Governo do Equador e a Universidade Central desse país.

O CIESPAL atuou como matriz dos programas de jornalismo que começaram a ser ofertados na região a partir da década de 1960 e, também, para os cursos de atualização oferecidos a alguns docentes convidados. Além dos programas, os estudantes foram duplamente influenciados pelos professores atualizados naquele centro e pela bibliografia disponível, composta por autores norte-americanos com uma visão funcionalista do jornalismo, bem como uma alta valorização do paradigma da transmissão persuasiva, o que facilitou algumas infelizes colonizações por meio de líderes intermediários.

Como parte das atividades acadêmicas da Cátedra Unesco da Universidade Javeriana da Colômbia, o importante pesquisador catalão Miquel de Moragas entrevista o também ilustre estudioso Jesús Martín-Barbero (Directo Bogotá, 2014). Além da riqueza desse diálogo, também destaca a perplexidade mostrada por Martín-Barbero quando ele conta que, em um curso que CIESPAL o convidou, encontrou ali apenas um livro que não era de autor norte-americano: o livro do sociólogo francês Joffre Dumazedier (1962) que se refere à civilização do ócio. Esse centro distribuía uma coleção bibliográfica composta por esses autores norte-americanos, exceto Dumazedier. Chama a atenção a presença de Raymond Nixon na bibliografia e em algumas das primeiras pesquisas sobre a imprensa latino-americana, que mais tarde publicaria documentos sobre o

começo dessa expansão do campo, textos a partir da sua experiência própria e ativa no CIESPAL.

Mesmo quando outras colonizações foram adicionadas, a partir da sua sede no Equador, o CIESPAL decantou ensino, marco conceitual e exercício profissional com perspectivas baseadas no modelo estadunidense de ensino do jornalismo. Dessa forma, os parâmetros que marcaram e moldaram os passos desse crescimento do campo partiram do Equador, promovendo uma incipiente internacionalização em educação e pesquisa desde a sua sede.

Entretanto, a América Latina, de fato, contestou parcialmente essa matriz, oferecendo outras perspectivas para a análise comunicativa. Destacam-se duas propostas que contestaram as atividades de pesquisa: a capacidade de ler a realidade social em oposição à onipotência midiática e sua concentração mediante o que, mais tarde, iria compor a economia política da comunicação (Muraro, 2014), bem como as contribuições valiosas do brasileiro Paulo Freire (1968, 1986, 1987) que, desde a década de 1960, plantou a semente do diálogo e a horizontalidade comunicativa, que está em vigor até hoje. Temas como a comunicação educativa com caráter horizontal e dialógico, a comunicação alternativa, a economia política da comunicação ou o amplo interesse sobre o lugar do público engajado nos meios de comunicação tradicionais e digitais (Martín-Barbero, 1987) seriam algumas das contribuições específicas da América Latina para o campo a partir desse registro reflexivo sobre a realidade circundante que não cessou.

A Escola do Círculo de Jornalistas Esportivos da cidade de Buenos Aires, criada em 1960 e ativa até hoje, é um exemplo dessa segunda onda expansiva que o CIESPAL provocou. Seis anos depois, na cidade de Rosário, a Universidade Católica Argentina iniciou uma graduação em Jornalismo e Ciências da Informação que, devido a inúmeros protestos políticos e sociais que aconteceram em 1969 e 1972, passou a depender e a ser ministrado até hoje na Universidade Nacional de Rosário.

Enquanto isso, no Brasil se destaca a Escola de Comunicação Cultural, criada em junho de 1966 e integrada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente, o Brasil tem uma força enorme no campo da comunicação, que se expressa tanto pelas inúmeras escolas de comunicação que abordam diferentes ramos do campo quanto pela consistente estrutura e produção em pesquisa.

A graduação em jornalismo oferecida pela UNAM desde 1951 segue os passos dessa expansão, mas com duas atualizações: na década de 1960 foi denominada Jornalismo e Comunicação Coletiva e em meados da década seguinte se transformou na graduação em Ciências da Comunicação, em vigor até hoje. No México também se destaca a graduação em Ciências e Técnicas da Informação, hoje

chamada de Comunicação, oferecida desde a década de 1960 pela Universidade Ibero-Americana, católica, administrada por jesuítas. Em 1967, o Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores do Ocidente (ITESO), da Universidade Jesuíta de Guadalajara, fundou a Escola de Ciências da Comunicação.

Na década de 1960, na Universidade Central da Venezuela, é criada a carreira de Comunicação Social, que mais tarde se transformaria em um importante centro acadêmico que promoveria pesquisas e publicações sobre o campo. Além desses exemplos, há os de outros países que, juntos, estabeleceram uma tendência a partir do CIESPAL na década de 1960, para a formação de jornalistas que se tornariam programas de comunicação: Nicarágua, 1960; Panamá, 1961; Paraguai, 1965; Costa Rica e Bolívia em 1960; Uruguai e Honduras em 1970 (Nixon, 1982). De acordo com Raymond Nixon, calcula-se que surgiram 170 programas acadêmicos de Jornalismo na América Latina entre 1970 e 1980. Esse número, certamente, não é completo e nem considera escolas particulares e religiosas que receberam outras influências.

Com esse crescimento, o campo institucionalizou o seu ensino, principalmente no nível de grau universitário, o que provocaria, em pouco tempo, a urgência de realizar pesquisas e encontros acadêmicos propícios para compartilhar descobertas. Para esta implementação inicial, que foi protagonizada pelas universidades mais importantes de cada país, foram adicionados, sem descanso e até hoje, novos programas de diferentes níveis de qualidade acadêmica e duração que colocaram a comunicação entre os estudos da moda. Uma base educativa mais ou menos sólida e significativamente ampliada seria a plataforma de lançamento da pesquisa em comunicação, embora sua internacionalização fosse vítima da dispersão e fragmentação, bem como das diferenças marcantes entre as políticas públicas nacionais.

Por plantarem o interesse pelos temas em ascensão, ao mesmo tempo que despertaram o desejo por esse tipo de atividades acadêmicas e sua disseminação, os encontros locais e regionais aumentaram. Entre eles se destacam dois congressos internacionais significativos para o incipiente processo de abrir fronteiras para o compartilhamento de ideias. Estes encontros foram a IX Reunião Anual da Associação Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Informação (AIERI/IAMCR), e a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Comunicação na América Latina e no Caribe, convocada pela Unesco.

Em setembro de 1972, na cidade de Buenos Aires, Argentina, foi realizada a IX Reunião Anual da Associação Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Informação, AIERI, (Association Internationale des Etudes et Recherches sur l'Information et la Communications) siglas em francês do que hoje conhecemos como IAMCR (International Association for Media and Communication

Research), liderada por James Halloran naquela época. Essa reunião, patrocinada pela Unesco, abordou o tema Comunicação e Desenvolvimento (Cimadevilla, 2021), um tópico que ainda seria muito pesquisado na região.

Ao escolher essa sede, Unesco e IAMCR optaram pelo sul da América Latina², abrindo, com isso, um espaço para refletir sobre a possibilidade de compartilhar saberes sobre a comunicação. Naquela época, os meios de comunicação estavam lançando as bases dos sólidos conglomerados que conhecemos hoje e, também, contribuindo para um período que ainda não terminou, cuja comunicação ocupa um lugar importante nas práticas sociais.

Chama a atenção que essa sede tenha sido a escolhida, considerando que o ambiente político estava cheio de intenções militaristas e golpistas. Nas décadas de 1960 e 1970, a América Latina passou por um total de 22 golpes de Estado, algo que marcou muitas vidas. De 1960 a 1969 houve 12 golpes e de 1970 a 1980, 10 golpes (Crovi Druetta & Trejo Delarbre, 2018). Por causa desses golpes, acadêmicos migraram da região, o que se tornou um estímulo involuntário e difícil para o compartilhamento de conhecimento e trabalhos entre pares em nível regional e internacional.

Seis anos depois, em julho de 1976, seria realizada em San José, na Costa Rica, a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Comunicação na América Latina e no Caribe, convocada pela Unesco. Essa conferência, enquadrada no ambiente reivindicativo da Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação (NOMIC), apontava para os desequilíbrios internos e externos da informação para países em desenvolvimento. As políticas de comunicação eram tema de grande interesse e, naquela época, eram consideradas um conjunto integrado, explícito e duradouro de políticas parciais de comunicação aplicáveis em nível nacional. Essas políticas também eram consideradas capazes de orientar as instituições dedicadas à comunicação, bem como o exercício profissional, alimentando a comunicação para o desenvolvimento (Beltrán, 1974).

Mesmo com muitas dificuldades para impactar na vida real, as políticas de comunicação e a comunicação para o desenvolvimento foram temas que, junto com o interesse que a Unesco manifestou por eles, foram incorporados às agendas de pesquisa. Como resultado, foram desenvolvidos trabalhos importantes sobre legislações e políticas públicas nacionais que favoreceram comparativos entre países, bem como reflexões sobre o vínculo da comunicação com o desenvolvimento, que seria interpretado a partir de diferentes perspectivas ideológicas. Estes e outros encontros acadêmicos abrem o caminho, que a Unesco possibilitou, para a América Latina e outras regiões do mundo rumo ao Relatório MacBride, frustrado em suas intenções, porém parte de uma exploração destinada a reconhecer as condições necessárias para alcançar uma nova ordem política,

² Armand Mattelart a menciona em um de seus textos e comenta que alguns dos acadêmicos participaram desse congresso com o interesse de, no futuro, conhecer a experiência chilena, que continua viva e ativa. Para aqueles que vieram de lugares remotos, somar 1.400 quilômetros na viagem para cruzar a Cordilheira dos Andes não parecia muito, mesmo com as comunicações aéreas da época. Um ano depois, Salvador Allende seria assassinado em La Moneda. Em 1976, a Argentina sofreria um golpe sangrento de Estado, que causou 30.000 desaparecimentos.

econômica e social global em construção. Dois representantes latino-americanos, Gabriel García Márquez, colombiano, e Juan Somavía, chileno, participaram representando a região. O livro *Um Mundo e Muitas Vozes: Comunicação e Informação na Nossa Época* (MacBride, 1980), mais conhecido como Relatório MacBride, aparece justamente quando começaram a ser implementadas ações projetadas para colocar o modelo político-econômico neoliberal no centro do mundo. Dessa forma, os objetivos de cooperação e apoio ao desenvolvimento dos países emergentes promovido pela Unesco mudariam de rumo por outro em que o Estado perde sua hegemonia e o livre mercado se apropria das práticas sociais, junto com os grandes conglomerados. Nessa peripécia, a luta por uma ordem mundial de informação mais equilibrada também é perdida.

Nesse período, destaca-se a importância que a NOMIC alcançou na busca de uma Nova Ordem Econômica Internacional, colocando a comunicação entre os temas de maior interesse e repercussão social. Mesmo que o objetivo de alcançar uma nova ordem de informação mais equilibrada e solidária não tenha sido alcançada, passou a ser outro tema recorrente de estudo, abordado a partir de várias perspectivas comunicativas.

Durante esse período expansivo, a ênfase continuou sendo colocada no ensino, mas a preocupação de iniciar um tipo de pesquisa que já não seria apenas de práticas jornalísticas, mas que englobasse estudos empíricos locais com o objetivo de serem compartilhados em nível nacional e internacional, foi sustentada de fora. Como é possível perceber nos parágrafos anteriores, a Unesco daquela época depositou um grande interesse pelo estudo da comunicação em sua dimensão social, buscando informações mais equilibradas. Nos anos seguintes, continuou demonstrando esse interesse, embora com abordagens diferentes sobre informação e comunicação.

NOVOS PARÂMETROS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Na década de 1970, foram apresentadas novas diretrizes educativas em nível internacional que impactaram todas as áreas de conhecimento, marcando também uma reviravolta no desenvolvimento dos estudos universitários de jornalismo e comunicação. Nessas novas orientações é possível identificar a divulgação dos cursos de pós-graduação, da criação de sistemas de bolsas de estudo para alunos desse nível e, mais tarde, a criação de instituições públicas dedicadas a apoiar a pesquisa acadêmica. Recursos também foram disponibilizados para docentes, pesquisadores e estudantes universitários para realizarem estádias de pesquisa. Como correlato, seriam criadas normas de avaliação, com tendência

crescente à medição quantitativa da produção acadêmica, perspectiva que tem sido criticada copiosamente.

Desde então, as bolsas de estudo para os cursos de pós-graduação permitem que os estudantes mantenham uma carreira de formação mais longa e ampla, com o objetivo de garantir a conclusão desses estudos que apresentavam desistências frequentes. Ainda que tenha recebido opiniões negativas por ser considerada uma espécie de paliativo diante da falta de empregos para jovens recém-formados na graduação, é um recurso governamental bem-sucedido porque oferece a oportunidade de cursar uma pós-graduação para aqueles que não poderiam cursar devido a razões econômicas. Também foi e é uma entrada para o aprimoramento da pesquisa do campo, uma vez que as teses começaram a fazer parte do circuito de publicações em revistas, lembranças de encontros em que eram apresentadas como propostas e em livros, ampliando a agenda de temas a serem estudados. Em resumo, essas transformações foram encorajadoras para alcançar uma maior profissionalização, bem como para que os alunos atualizem e utilizem diversos recursos teóricos e metodológicos. Apoiados pelos tutores docentes, o processo de pesquisa passou de uma simples descrição para uma estratégia planejada, cuidada e sistemática.

Essas transformações repercutiram no âmbito profissional, que em pouco tempo começou a exigir o grau de mestre ou doutor para certas vagas. Além disso, houve um aumento na demanda para ingresso nos cursos de pós-graduação, portanto algumas universidades públicas começaram a aplicar sistemas de seleção subordinados à incapacidade de cobrir todas as bolsas de estudo solicitadas. Nas universidades particulares, o custo, como antes, foi o filtro principal.

As diretrizes internacionais para a educação superior da década de 1970, algumas surgidas desde a Unesco, constituem a origem e transformação das mais importantes dinâmicas políticas, institucionais e culturais latino-americanas a nível de pós-graduação. O apoio econômico estimulou a pesquisa e a mobilidade acadêmica, aumentou o interesse para cursar uma pós-graduação e marcou o início de uma internacionalização mais franca das pesquisas em comunicação da América Latina, que um punhado de pesquisadores importantes da região já tinham começado. Esses processos abriram um amplo leque de abordagens para a comunicação, multiplicaram o interesse pelo intercâmbio internacional por meio de estadias, publicações ou assistência para encontros acadêmicos. Também foram motivo de uma maior fragmentação de temas e sua dispersão.

Paralelamente à urgência de novas normas e práticas educativas, na década de 1970 surgiram associações profissionais de comunicação nacionais e internacionais, promotoras fundamentais no compartilhamento de saberes e na abertura de estudos propostos para além das fronteiras nacionais.

Seu objetivo foi estimular a pesquisa científica da comunicação, que até então era pouco sistemática e descritiva. Antonio Pasquali sempre repetia que devíamos nos tornar interlocutores válidos diante dos órgãos de decisão política, e essas associações também tiveram esse chamado, que nem sempre foi alcançado.

Entre outras associações, destacam-se: em abril de 1974 é criado o Instituto de Pesquisas em Comunicação da Venezuela (ININCO), cujo primeiro diretor foi, justamente, Antonio Pasquali. O seu anterior foi o Instituto de Pesquisa de Imprensa, criado em 1958. Três anos depois, em dezembro de 1977, foi fundada a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) em São Paulo, Brasil, uma associação brasileira de comunicação, hoje a mais sólida e robusta da região. A ALAIC surge em Caracas, na Venezuela, em 1978, promovida por importantes acadêmicos da América Latina. A ALAIC representa uma nova oportunidade na busca de organizar regionalmente a pesquisa da comunicação e do relacionamento entre pares, participação em congressos e publicações. Com objetivos semelhantes, no dia 24 de abril de 1979 nasce a Associação Mexicana de Pesquisadores da Comunicação (AMIC), pilar da disseminação da pesquisa no México e lugar de encontro acadêmico. Já na década seguinte, no ano de 1981, é integrada a Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS), muito importante para a região porque promoveu encontros internacionais e publicações que beneficiaram o intercâmbio acadêmico.

Para nenhuma dessas associações, muito menos para aquelas que não são referenciadas diretamente, o caminho foi fácil: dificuldades econômicas, filtros ideológicos e políticos, são obstáculos recorrentes para o seu desenvolvimento. No entanto, essas e outras associações lutando contra as adversidades, deram identidade e coesão para o campo da comunicação. Nos anos seguintes, um número importante de agrupamentos destinados a segmentos ou subtemas abordados no campo seriam formados, cujas metas focam nesses tópicos. Alguns países, que não chegaram a formar associações acadêmicas ou o fizeram depois, contaram com o trabalho persistente de pesquisadores que deram visibilidade para pesquisas nacionais de comunicação.

As transformações institucionais desse período, com alcances nacionais e internacionais, levaram a mobilizar a academia, bem como promover uma equidade inicial entre nações de diferentes desenvolvimentos. Mesmo que tenham sido destacadas por seus critérios produtivistas e avaliações propensas ao quantitativo para quem participa da academia há várias décadas, foram um fator fundamental de mudanças, compartilhamentos e mobilização da pesquisa em nível regional e transnacional.

De acordo com Martín-Barbero (1992, citado em León-Duarte, 2001) durante a década de 1960 até meados da década de 1980, também é um período em que são formadas e aplicadas teorias da comunicação na região, um acontecimento que resulta da intersecção de duas tendências teóricas dominantes: o pensamento instrumental que vem dos Estados Unidos e a visão ideologizada da teoria social latino-americana. Esse cruzamento encorajaria os pesquisadores a construir e fortalecer uma interpretação do campo da comunicação a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Pode-se afirmar que a partir dos cursos de pós-graduação e das associações acadêmicas que surgiram desde a década de 1970, é iniciada uma jornada profissional, permanente e crescente, da pesquisa da comunicação rumo a sua internacionalização. Também houve mulheres e homens do campo que, com sua liderança acadêmica, apoiaram estas ações para além das fronteiras nacionais, valiosos administradores de inúmeros encontros que fortaleceram a identidade, a disseminação e o reconhecimento de uma pesquisa latino-americana com perspectiva crítica.

O aumento de programas de estudo de jornalismo revelou a importância dessa atividade há mais de 60 anos, sem desconfiar que a evolução das práticas comunicativas, as parcerias econômico-políticas e seu impacto social, atualmente podem colocar mais de uma democracia em risco. Por sua vez, a pesquisa em nível internacional é a plataforma pela qual estudantes e acadêmicos buscam participar, inclusive participando ao mesmo tempo de várias organizações regionais ou transnacionais.

O entrecruzamento de cursos de pós-graduação, associações acadêmicas e perspectivas teóricas transdisciplinares levou a um novo olhar sobre o campo, mas ainda há muito a ser feito para melhorar a disseminação da produção regional, ainda frágil. Em muitos países, cada livro publicado representa um trabalho gigantesco na economia e diante das complicações burocráticas. Assim, a produção pode parecer escassa quando sua disseminação não é suficiente.

As publicações regionais passaram de edições universitárias, com tiragem curta e distribuição malsucedida para um panorama econômico que dificulta a publicação em papel, o que leva à adesão da tendência mundial de edições digitais. É outro processo de mudança que a região foi incorporando pouco a pouco, assim como acontece com vários recursos da digitalização para ensinar, pesquisar e disseminar, cujo acesso muitas vezes é ameaçado pelos seus custos. Esse cenário destaca que os congressos latino-americanos incluem entre suas atividades a apresentação de novos livros, atividade que vem em ascensão. Essas grandes exposições indicam um aumento notável na produção, mas também revivem as ameaças mais preocupantes do campo: fragmentação e dispersão.

FRAGMENTAÇÃO, DISPERSÃO E PERSPECTIVA CRÍTICA NA ERA DIGITAL

Desde as suas origens com o jornalismo, o campo da comunicação tem sido dinâmico e muito próximo das inovações tecnológicas. Essa agitação contínua entre as novas contribuições da tecnologia produz segmentações, causa incerteza e desconforto diante da impossibilidade de englobar todos os tópicos emergentes, notoriamente desde a expansão da era digital.

Os primórdios da era digital remontam ao final do século XX, na última década, que foram os anos em que ela se instalou nas práticas culturais dos indivíduos com acesso a esses recursos. Entretanto, suas raízes remontam, pelo menos, 50 anos antes, quando a informática, a cibernética e as engenharias começaram a desenvolver tecnologias aplicadas em várias atividades sociais. Outras disciplinas foram adicionadas ao trabalho constante de renovação que, juntos, moldariam sucessivas gerações tecnológicas até culminarem no sugestivo poder das redes sociodigitais.

E isso não parou aí: novos e impactantes recursos foram criados como, por exemplo, a expansão dos videogames, do *streaming*, das plataformas digitais, a inteligência artificial, incorporados a práticas cotidianas como estudar, trabalhar, divertir-se ou socializar, levando a pesquisa em comunicação a abordar pautas muito mais complexas. Notícias falsas, extrativismo de dados, interpretação afetiva (não racional) dos acontecimentos, automação da informação, algoritmos semânticos, entre muitas outras, são as atuais preocupações de um presente comunicativo contínuo, de curto prazo, superinformado e superinterpretado que é colocado no centro das pesquisas necessárias.

Com a era digital, a comunicação não só assume um novo protagonismo, mas também constitui uma circunstância que leva ao reestudo do próprio processo de comunicação. O lugar dos interlocutores, os meios de comunicação utilizados, a interação e, o mais importante: a nova dimensão do espaço-tempo que abre fronteiras e reformula a organização do tempo pessoal e social.

Essa profunda transformação, além de tecnológica, forma parte do novo modelo político-econômico neoliberal que foi iniciado décadas atrás e difundido entre os países do mundo na década de 1980. Os meios de comunicação tradicionais e digitais ajudaram a difundir-lo e legitimá-lo, e por isso são considerados aliados necessários para sua adoção. A mudança do modelo causa um deslocamento do poder do Estado para o setor privado, muitas vezes transnacional; leis e ações políticas são aprovadas para sua ratificação; a família é colocada no centro da sociedade e o olhar se volta para os benefícios oferecidos por um futuro promissor e esperado que se passa em uma espécie de presente contínuo, onde o melhor ainda está por vir. Vários estudos acadêmicos, a partir

da comunicação, estão focados em analisar essas mudanças e o fazem desde diversas posições ideológicas.

Paralelamente à chegada do neoliberalismo e da massificação social do digital, a Unesco apresenta um documento com novas diretrizes para a educação superior: *Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação, Marco Referencial de Ação Prioritária para a mudança e o Desenvolvimento da Educação Superior* (Unesco, 2019). Foi lançado no final do século XX e foi produto dos acordos realizados na Conferência Mundial sobre a Educação Superior no século XXI: Visão e ação, para a qual foram realizadas diversas consultas regionais. Essas diretrizes, em pleno surgimento da era digital, são importantes por apresentar assuntos que dizem respeito ao campo da comunicação: a educação para toda a vida e o emprego de tecnologias na educação. Ambos se enquadram na qualidade e pertinência necessárias para solucionar a injustiça, a pobreza e a exclusão, que são considerados problemas fundamentais da sociedade.

A formação permanente veio reforçar a expansão dos cursos de pós-graduação das décadas de 1970 e 1980, enquanto a promoção no uso de tecnologias na educação (que não era uma novidade) serviu para promover seminários, cursos de atualização e certificados digitais. Por meio de mecanismos comunicativos, busca-se impactar a educação superior em todas as áreas do conhecimento, colocando o campo mais uma vez diante da sua própria necessidade de atualização. Essa legitimação da tecnologia, que já era expansiva em outras áreas e práticas sociais, mais uma vez incrementa a agenda de pesquisa em comunicação, aprofundando suas incursões para além das redes sociodigitais ou dos meios de comunicação tradicionais para se situarem em mediações diversas. A fragmentação e a dispersão temática conspiram contra a necessidade de aprofundamento dos tópicos específicos e, inclusive, coloca em risco a ordem temática vigente nas escolas e nas associações de comunicação, sobrecarregadas com as novas exigências do conhecimento.

Sabe-se que a comunicação e a tecnologia formaram um forte binômio interdependente que gerou alertas importantes contra o tecnodeterminismo, mas não foram suficientes e nem penetraram nas perspectivas de alguns pesquisadores. Sobrevive a tendência de reverter a equação: em vez de aceitar a tecnologia como um simples apoio, ela é colocada no lugar central. Mais uma vez estamos diante do risco de mascarar o processo comunicativo com visão social como importante objeto do campo com as inovações tecnológicas.

É verdade que devido ao espanto que as inovações despertam, a tecnologia sempre foi colocada como um ator notório do campo, o fascínio pelos recursos digitais foi ainda maior porque eles vieram para colocar um fim no velho sonho

de uma comunicação horizontal. Mas, mesmo que todos sejamos emissores em algum momento, essa comunicação, aparentemente dialógica, não estava ligada à libertação social situada como se pensava, mas movida por interesses econômicos e de controle dos grandes consórcios digitais internacionais.

A pandemia recente de SARS-CoV-2 foi um verdadeiro laboratório para estudar os usos e apropriações das tecnologias digitais, através da observação de uma realidade tangível, bem como de reflexões posteriores. Em muitos sentidos foi cenário vivo de testes da nova dimensão espaço-temporal, um tema nodal para entender as grandes mudanças do digital entre os indivíduos e as práticas sociais. Mais uma vez são caminhos que se ramificam rumo a destinos inimagináveis da agenda de pesquisa da comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Byung-Chul Han (2022), ao falar sobre a mudança para o digital, diz: “a estrutura anfiteatral dos meios de comunicação de massa dá lugar à estrutura rizomática dos meios de comunicação digitais, que não têm centro. A esfera pública se desintegra em espaços privados” (p. 33).

A comunicação, desde sua origem interessada em dar a palavra, em construir opinião pública com base em informações confiáveis, vive agora um fascínio diante das tecnologias digitais, que a leva a análises tendenciosas e a se distanciar do pensamento crítico com uma perspectiva social e, portanto, a negligenciar o alcance dos recursos narrativos. Além do crescimento de notícias falsas ou dos *bots*, por exemplo a inteligência artificial em ascensão que, embora tenha detratores ou pessimistas entre os acadêmicos e entre seus próprios criadores, conta com um amplo setor social impressionado pelas suas conquistas ou supostos êxitos. É mais um processo a ser enfrentado a partir do conteúdo e com uma visão crítica.

Em *À Porta Fechada*, sua obra de teatro existencialista que estreou em maio de 1944, em Paris, Jean Paul Sartre (2015) propõe que o olhar do outro, a alteridade, é o que permite nos conhecer e nos restaurar. O caminho que o campo da comunicação seguiu na América Latina no que diz respeito à educação, e que consideramos o gatilho da pesquisa ou disseminação nessas reflexões, parece ter construído sua própria identidade a partir do espelho lhe dá uma imagem que deve ser ajustada a partir dos outros.

Para seguir adiante, o campo da comunicação teve que melhorar e mudar o caminho, teve que se moldar diante das perspectivas alheias, teve que se reinventar a partir das inovações tecnológicas e diante da alteridade. E é porque o rumo da internacionalização da comunicação latino-americana foi condicionado

por políticas nacionais; tendências e organizações internacionais; circunstâncias políticas, econômicas e culturais. No entanto, nessa ilusão contínua com os outros, surgiram características críticas que a distinguem e que compõem uma história que precisa ser resgatada e contada: a dissidente, aquela que buscou respostas singulares para tendências comuns. Agora, embora esteja diante do mais fascinante desenvolvimento tecnológico, deve-se reivindicar o olhar crítico, às vezes sem concessões.

Como latino-americanos, nós que fazemos parte do campo da comunicação, sempre estivemos conversando com outras disciplinas, outras nações, outras regiões, outros interesses ou qualquer outra forma da alteridade. Fomos água que escorre na multidisciplinaridade, fomos rocha para enfrentar as interferências estrangeiras, mas também fomos vapor que se dissipa diante dos poderes políticos e econômicos. O diálogo foi e é o nosso forte. É o espírito que leva essa jornada para preservar a nossa identidade e ir mais além das fronteiras regionais. ■

REFERÊNCIAS

- Beltrán, L. R. (1974). Las políticas nacionales de comunicación en América Latina, Paris [Documento de trabajo]. *Reunión de Expertos sobre Planificación y las Políticas de Comunicación en América Latina*, Bogotá, Colombia.
- Beltrán, L. R. (1975). *Políticas nacionales de comunicación en América Latina: Los primeros pasos*. Ciespal.
- Beltrán, L. R. (2000). *Investigación sobre comunicación en Latinoamérica: Inicio, transcendencia y proyección*. Universidad Católica Boliviana, Plural.
- Beltrán, L. R. (2007). Un adiós a Aristóteles. La comunicación “horizontal”. *Punto Cero*, 2(15), 136-158.
- Caparrós, M. (2021). *Ñamérica*. Random House.
- Cimadevilla, G. (2021). Milicos, gestores y literatos. La historia jamás contada del IX Congreso de la IAMCR en Buenos Aires (1972). *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 20(36).
- Crovi Druetta, D., & Trejo Delarbre, R. (Coords.). (2018). *Tejiendo nuestra historia: Investigación de la Comunicación en América Latina*. Unam. Directo Bogotá. (2014, 28 de abril). Jesús Martín-Barbero – Miguel de Moragas Cátedra Unesco de Comunicación 2013 [Video]. Youtube. <https://bit.ly/49nlAGE>
- Dumazedier, J. (1962). *Sociologie du loisir*. Seuil.
- Freire, P. (1968). *Pedagogía del oprimido*. Siglo XXI.
- Freire, P. (1986). *La educación como práctica de la libertad* (35a ed.). Siglo XXI.

- Freire, P., Gadotti, M., Guimaraes, S., & Hernández, I. (1987). *Pedagogía: Diálogo y conflicto*. Cinco.
- Fuentes-Navarro, R. (1991). *La comunidad desapercibida. Investigación de la comunicación en México*. Iteso.
- Fuentes-Navarro, R. (2014). La investigación de la comunicación en América Latina: Una internacionalización desintegrada. *Oficios Terrestres*, (31), 11-22.
- Han, B.-C. (2022). *Infocracia. La digitalización y la crisis de la democracia*. Taurus.
- León-Duarte, G. (2001). Teorías e investigación de la comunicación en América Latina. Situación actual. *Ámbitos*, (8).
- Magris, C. (2008). *El infinito viajar*. Anagrama.
- Marques de Melo, J. (1998). *Teoria da comunicação: Paradigmas latino-americanos*. Vozes.
- Marques de Melo, J. (2009). *Pensamiento comunicacional latinoamericano: Entre el saber y el poder*. Comunicación Social.
- Marques de Melo, J. (2010). *Comunicación multicultural en Iberoamérica. Historia contextual y teoría comparada*. Unesco, Alaic, Socicom, Confibercom, Intercom.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía*. Gustavo Gili.
- MacBride, S. (Coord.). (1980). *Un solo mundo, voces múltiples. Comunicación e información en nuestro tiempo*. Fondo de Cultura Económica.
- Muraro, H. (2014). *Neocapitalismo y comunicación de masa*. Eudeba.
- Nixon, R. (1982). Historia de las escuelas de periodismo. *Chasqui*, (2).
- Sartre, J. P. (2015). *A puerta cerrada (Huis clos)*. Tomo.
- Saussure, F. (2016). *Curso de lingüística general*. Fontamara.
- Unesco. (1958). La formación de periodistas: Estudio mundial sobre la preparación del personal de información. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135346>
- Unesco. (2019). Declaración mundial sobre la educación superior en el Siglo XXI: Visión y acción. *Revista Educación Superior Y Sociedad*, 9(2), 97-113.
- Vizer, E., & Vidales, C. (Coord.). (2016). *Comunicación, campo(s), teorías y problemas. Una perspectiva internacional*. Comunicación Social.

Artigo recebido em 31 de julho de 2023 e aprovado em 20 de setembro de 2023.